

EDUCAÇÃO E MÍDIA: SENSACIONALISMO E *FAIT DIVERS* - O CASO “JÚLIO ROSA”, DE O NACIONAL

AZEVEDO, Gilmar de¹

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina²

Resumo

Independentemente do espaço geográfico – rural ou urbano - a mídia tem se mostrado fundamental no cotidiano da sociedade brasileira na última década. Sem ela a sociedade fica aquém da realidade. Assistir televisão, navegar na Internet, folhear jornal, falar ao celular são coisas do cotidiano da maioria da população mundial. Vive-se em uma era tecnológica em que se vêem ao vivo acontecimentos no mundo inteiro. É essa tecnologia influencia o tempo todo à sociedade e em consequência, a educação, tanto informal quanto formal. A influência da mídia na sociedade e na educação é um tema muito discutido e questionado. Muitos autores escreveram e escrevem sobre essas influências, alguns as consideram positivas, outros a denominam negativas. Este trabalho busca apresentar elementos de inserção da mídia sensacionalista jornalística no contexto diário e por consequência no escolar, tendo como metodologia o estudo de caso – Júlio Rosa, de O Nacional.

Palavras-chave: Educação, Mídia e Sensacionalismo.

Introdução

O mundo atual depende cada vez mais dos veículos midiáticos e a escola, como parte da sociedade, não deve deixar de incorporar as inovações tecnológicas deste início de século.

Uma das características mais marcantes do mundo atual é a influência dos meios de comunicação de massa (mídia) na vida cotidiana. Por isso mesmo estamos frequentemente presenciando uma polêmica sobre os benefícios e os malefícios do poder da mídia.

No que diz respeito à importância do jornal na Educação tem-se debatido, estudado, enfim, parece que o jornal está (sendo) incorporado aos modernos estudos nas diversas áreas do conhecimento. Já é consensual o fato de que o jornal pode e deve estar presente na escola. É claro, também, que esse debate não se esgotou.

Entretanto, discutiu-se muito menos sobre as outras mídias, por exemplo a rádio e a TV educativas, o uso da programação da televisão aberta e de ferramentas eletrônicas, da Internet, do cinema, de revistas não acadêmicas de circulação nacional, que poderiam auxiliar professores e alunos ao serem incorporados à sala de aula servindo de instrumentos pedagógicos. Atualmente, há grande necessidade de reflexões sobre como aproveitar os

¹ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente e pesquisador da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Email: a.gilmar@terra.com.br

² Pós-Doutora em História *Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich/UW* – Polônia e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta e Pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Email: t.wencze@terra.com.br

recursos da Internet sem que os alunos percam a criatividade, não permitindo que seu uso fique reduzido a “copiar” trechos e textos sem critério.

Considerando que esses meios evoluem e modificam-se rapidamente e, ao que parece, a escola nem tanto, esse artigo caminha no sentido de criar elementos de indagação acerca de um estudo de caso - O caso Júlio Rosa, de O Nacional – para elencar elementos sobre as possíveis leituras entre as relações estabelecidas no cotidiano escolar e o uso do jornal. O artigo divide-se em 3 partes: Educação e Mídias; Educação e *Fait Divers*; o sensacionalismo e os jornais populares – a origem; o caso “Júlio Rosa”, de O Nacional – um cronista sensacionalista;

1 EDUCAÇÃO E MÍDIAS

Das diversas tipologia de mídias utilizadas e existentes presentes no contexto escolar o jornal mantém-se ativo. O jornal é mais do que um simples suporte de textos. Ele é um recurso pedagógico que instiga a reflexão sobre as causas e efeitos das contradições sociais. Com isso, permite que possa ser analisada a realidade com vistas à afirmação da cidadania. De fácil acesso e valor essa ferramenta circula no cotidiano e também nas escolas com a finalidade de informar ou entreter.

As mudanças da sociedade, os assuntos do momento, as notícias da semana, as descobertas e tantos outros assuntos podem incentivar a pesquisa, análise e construção de argumentos sólidos. Tudo isso permite que o estudante aprenda a selecionar informações, sintetizar e relacionar os conhecimentos construídos em sala de aula com as demandas práticas da vida cotidiana.

Além de ampliar a competência lingüística, o jornal também contribui para a politização, conhecimento e apropriação cultural e contextualização social. É por meio do contato com os mais variados fatos e entendendo sua forma de aparecer na mídia que o estudante pode se tornar cada vez mais crítico e participativo. A afirmação de sua cidadania também se dá no momento em que todas as áreas se relacionam com sua vida cotidiana.

2 SENSACIONALISMO E *FAIT DIVERS*

Os fatos variados não são acontecimentos que informam o andamento do mundo, são atos gratuitos que, no entanto, afirmam a presença da paixão, da morte e dos destinos para um leitor que quer, no seu inconsciente, vivenciar suas paixões recolhidas pelo mundo

proibitivo ou por seus desejos reprimidos. É no sensacionalismo que as “coisas corriqueiras” da vida normal são rompidas pelo acidente, pela catástrofe, pelo crime, pelo sadismo e em tudo isso há o imaginário que infringe a ordem das coisas, viola os tabus, compele ao extremo a lógica das paixões, sujeitado, como na tragédia grega, na fatalidade.

O sensacionalismo na mídia transforma as grandes tragédias em cenas cinematográficas, os crimes em estilo romanesco num processo quase teatral, intensificando e selecionando as situações existenciais numa relação afetiva com o leitor. O sensacional funciona como tragédia e a vedetização extraída dela como mitologia. Em sendo assim, “a irrupção da cultura de massa na informação desenvolve em determinado tipo de relações de projeção e de identificação que vão no sentido do romanesco, da tragédia e da mitologia”. (MORIN, p. 101). Nesta relação, há como objetivo a multiplicação dos contatos entre a cultura de massa, de forma sensacionalista usando para isso o *fait divers* e seus consumidores.

Na mídia, sensacionalismo denota exagero na coleta de dados, no deslize informativo, condenando, na maioria das vezes, uma notícia. As idéias de audácia, irreverência, questionamento são apologias de sensacionalismo e a imprecisão está presente num tom de agressão. Há no informe sensacionalista a intensificação, o exagero, a ambivalência lingüístico-semântica, a valorização da emoção, a exploração do extraordinário e do vulgar privilegiando o espetacular e o desproporcional, conteúdos, na sua essência, sem contextualização política, social, econômica ou cultural.

Existe ainda a característica mercantilista do sensacional porque, em se tratando de jornal, vende a aparência, tudo aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete, satisfazendo somente as necessidades instintivas do público.

O “cronista” sensacionaliza aquilo que não é necessariamente sensacional através do tom escandaloso, extrapolando o real, superdimensionando o fato. Normalmente, a manchete provoca comoção, choque. A linguagem usada é a coloquial exagerada com emprego excessivo de gírias e palavrões, obrigando o leitor a se envolver emocionalmente com o texto.

O sensacionalismo está presente no *fait divers*, nas lendas, nas crenças populares, na política, na economia, usando pessoas e/ou animais com deformações, deficiências que enchem os noticiários populares. Histórias sensacionalistas imprimem no leitor uma satisfação simbólica, emoções sofridas ou vividas por procuração, transportando-o para o fato como se ele estivesse junto ao que o pratica. Assim, o sensacional - irreal, exagerado, inventado - torna-se subjetivamente real para o leitor que, nesse caso, assemelha-se a um neurótico obsessivo, “ um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras - que busca satisfação do fetichismo, do voyeurismo, do sadomasoquismo (...) - ao mesmo tempo em que

é reprimido por um superego cruel e implacável”. (ANGRIMANI SOBRINHO, p. 17). Aí se instaura no leitor uma relação transgressão-punição, imoral-moralista, ação-divisão. O medo dos que se opõem ao sensacionalismo está na imitação quando o meio pode atuar como agente influenciador e posicionador na conduta do leitor.

2.1 O SENSACIONALISMO E OS JORNAIS POPULARES – A ORIGEM

Na França do século XIX, brochuras chamadas “Occasionnels” publicavam textos com exageros e inverossimilhanças. Também eram publicados os “Canards”, significando “pato” ou “conto absurdo”, (jornais populares com uma página impressa na parte frontal com título, ilustração e texto) com *fait divers* criminais. Havia os “canardeiros” que gritavam nas ruas as manchetes dos textos. Em 1560 e 1631, respectivamente na França, aparecem os primeiros jornais sensacionalistas: “Nouvelles Ordinaires” e “Gazette de France”, ambos publicaram *fait divers* fantásticos e notícias sensacionalistas. Esse último foi fundado por Théophraste Renaudot. Em 25 de setembro de 1690, o inglês Benjamin Harris criou nos Estados Unidos o Jornal “Publick Occurrences”, informando sobre uma epidemia de sarampo que atingiu Boston. O jornal teve apenas uma edição.

Em 3 de setembro de 1833, o impressor de New York, Benjamin H. Day, criou o jornal “New York Sun” com o lema “O jornal que brilha para todos”. Noticiários locais, histórias sensacionalistas de acontecimentos chocantes, artigos em estilo humorístico eram publicados no jornal que era vendido por um *penny* (um tostão) por garotos, a exemplo dos canardeiros, que gritavam na rua as manchetes do jornal. Em seis meses, o jornal já tinha uma tiragem de oito mil. No entanto, “o jornal era vulgar, ordinário e sensacionalista [...]” (DEFLEUR;BALL-ROKEACH, p.68). Em 1837, o *Sun* distribuía diariamente trinta mil exemplares. Logo surgiu um concorrente, o Jornal “Herald”, do escocês James Gordon Bennett, com o mesmo estilo e com as mesmas estratégias.

Joseph Pulitzer criou o “New York Word”, primeiro jornal em cores. Em 1890 já faturava um milhão e duzentos mil dólares. Outro norte-americano, William Randolph Hearst, filho do milionário George Hearst, em 1887, assumiu a direção do Jornal “San Francisco Examiner”. Em 1895, comprou o Jornal “Morning Juournal”, de Albert Pulitzer, irmão de Joseph Pulitzer. Eram representantes da imprensa amarela. O “Word” publicava aos domingos uma história em quadrinhos com um menino desdentado que usava roupa amarela. Ele ficou conhecido como “Yellow Kid” e o tipo de história sobre ele como imprensa amarela. Pulitzer e Hearst chegaram a marca de um milhão de exemplares/dia. Os dois

jornais usavam manchetes escandalosas, ilustrações de forma “sensacionalizada”, inventavam entrevistas e histórias, exageravam no uso de quadrinhos coloridos e faziam campanhas contra abusos sofridos por pessoas comuns. Eram jornais sensacionalistas a serviço dos consumidores que lhes davam credibilidade sem que os jornais a possuíssem.

3 O CASO “JÚLIO ROSA”, DE O NACIONAL - UM CRONISTA SENSACIONALISTA

Júlio Rosa da Silva nasceu em Porto Alegre em 1944 e lá estudou na Escola Dom João Becker. Na Universidade Federal de Santa Maria fez a faculdade de Pedagogia. Em Cruz Alta, na Universidade de Cruz Alta, fez três semestres de Direito. Em Passo Fundo, na Universidade de Passo Fundo, fez mais oito semestres de Direito, mas não concluiu o curso. Depois disso, fez vários cursos na área de Comunicação Social.

Em Passo Fundo sempre atuou em movimentos comunitários, o que o levou à vereança por onze anos, por vários partidos: PDT, PDS (atual PP), PFL (atual DEM).

Como Radialista atuou nas emissoras Princesa e Itaí, de Porto Alegre e rádio Progresso, de Novo Hamburgo. Em 1961, entrou para a Polícia Civil depois de participar do Curso de Polícia, sendo nomeado para escrivão em Caxias do Sul. Ali, por intermédio do radialista e sargento da Brigada Militar Omero Cavalheiro, começou a fazer boletins ao vivo da Delegacia de Polícia para a rádio São Francisco. Logo estava na rádio Difusora, de Caxias do Sul, com um programa próprio, Acontecimentos Policiais. Ao ser transferido para São Borja, Júlio Rosa levou também seu programa para a rádio Fronteira. Isso aconteceu em 1966. Nos próximos dois anos, o policial, ao entrar em licença, deu lugar ao comunicador em tempo integral, destacando-se, também, na área esportiva.

Em São Borja, iniciou-se no jornalismo impresso como correspondente do jornal Zero Hora, na área policial. Seus textos seguiam a linha do sensacionalismo.

Já em Passo Fundo, na rádio Planalto, de linha católica, o comunicador foi contestado por ser muito “popular” uma vez que muitos iam à rádio pedir alguma coisa. Foi sua primeira estada nessa rádio. Também em Passo Fundo, Júlio começou o trabalho como cronista no jornal O Nacional.

Quando da chegada da rádio Uirapuru AM na cidade, Júlio Rosa foi convidado pelo diretor Luís Fragomeni para fazer parte do corpo de comunicadores. A rádio iniciava na cidade de Passo Fundo uma programação ao vivo vinte e quatro horas, coisa que as rádios Planalto e Passo Fundo não faziam. O sucesso de seu programa foi inevitável até porque o

público predominante da rádio Uirapuru era das faixas D e E, os “pobres”. O “solgan” do comunicador e da rádio era “ Você diz que não gosta, mas gosta; você diz que não escuta, mas escuta”. (SILVA, p. 57). Deu certo. Júlio Rosa ganhou vários prêmios: Qualidade Comunitária (1990, 1991, 1992 e 1993), comunicador mais lembrado de Passo Fundo (1996). Depois da Uirapuru, o comunicador voltou para a rádio Planalto.

O cronista impresso continuou escrevendo para o jornal O Nacional. Aproveitando sua experiência na área policial e suas vivências como comunicador de rádio, Júlio Rosa escreveu aproximadamente quatrocentas “historinhas” para o jornal. Todas elas com a linha sensacionalista, porém, com “o fundo da verdade do fato”. São histórias curiosas e diversas, exemplos de “ *fait divers*” no jornal passo-fundense.

Júlio Rosa faleceu em Passo Fundo em 2013, aos 69 anos.

3.1 ALGUMAS “HISTORINHAS” DE O NACIONAL- EXEMPLOS DE FAIT DIVERS

Para exemplificar o *fait divers* no jornal O Nacional ³, foram escolhidos, como amostra, alguns textos publicados nas edições de fim-de-semana (sábado e domingo) na coluna “ Conversa de Domingo” do cronista Júlio Rosa. O período escolhido foi de janeiro a dezembro de 2001. Também outros textos servirão de exemplos conforme os temas abordados com relação às características e alguns temas do *fait divers*.

Como Júlio Rosa foi conhecido pelos populares de Passo Fundo e região, os seus textos eram concorridos e suas histórias apreciadas. A popularidade, a experiência do cronista como policial, comunicador de rádio e como jornalista, fizeram com que suas “historinhas” fossem “acreditadas” como fatos verídicos por muitos e que seus assuntos fossem temas do senso comum, na maioria das vezes, segundo os próprios textos, vividos ou presenciados por ele ou um fato que alguém lhe contou, dizendo que se tratava de algo verossímil.

³ O jornal *O Nacional* foi fundado no dia 19 de junho de 1925 pelos Srs. Herculano Armando Annes, Teófilo Guimarães, Americano Araújo Bastos e Hiran Araújo Bastos. Mais tarde foi adquirido por Múcio de Castro, jornalista e ex-deputado Estadual. Atualmente, o jornal é dirigido Múcio de Castro Filho, filho de Múcio de Castro e irmão do jornalista Tarso de Castro. Na edição de fim-de-semana (sábado e domingo), o jornal sai com 24 páginas. Além das notícias, várias sessões, cadernos e colunas: sessão opinião, fontes em off, coluna de Affonso Ritter, coluna do assinante, caderno classificados, segundo caderno, coluna do Argeu Santarém, coluna do Meirelles Duarte, coluna “*Conversas de Domingo*” do Júlio Rosa e um caderno de esporte. A tiragem diária é de aproximadamente seis mil exemplares.

As características do *fait divers* fazem parte dessas “historinhas”, embora não sejam exemplos clássicos desse tipo de texto. O cronista, em sua essência, tinha compromisso com o seu público-alvo, os populares, e usava seus textos para manter esse vínculo também no jornal já que na rádio, onde trabalhava como comunicador, a empatia com seus ouvintes era comprovada pela audiência e pela interatividade que mantinha com eles.

3.1.2 Um caso: “Os defuntos trocados”

O texto “Os defuntos trocados”, foi publicado no jornal O Nacional, edição de sábado e domingo, 10 e 11 de novembro de 2001, p. 28. Ei-lo:

“As mortes de dois velhinhos entristeceram muitas as famílias e os amigos.

Morreram no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo hospital, da mesma enfermaria, tinham a mesma idade. Entre ambos, só uma diferença, um era pobre e outro era rico. Um era de Passo Fundo e outro era de Frederico Westphalen. Comunicada a morte, chegaram no necrotério do hospital, primeiramente os familiares do falecido pobre que vieram de longe. Etiqueta no pulso, logo levaram o corpo embora, para sua derradeira viagem para casa em Frederico.

Instantes depois, os familiares do outro velhinho, fizeram o mesmo ritual, retirando o corpo do pai levando para o interior do município. Tudo teria seguido um curso normal, choro, despedidas, sentimentos, se lá em Frederico, já de madrugada, com bastante tempo de velório, um filho do morto pobre, olhando entristecido para o esquife, se deu conta: “Não, esse defunto não é o nosso pai”. A identificação negativa foi confirmada por outros familiares e aí o pânico correu geral na casa: “Tinham levado e estavam velando e chorando para o defunto errado”.

Telefonema para Passo Fundo, convencer o agente funerário a ir até o interior do município, para ver se o morto que procuravam não estava sendo velado por aqui mesmo. Foi difícil dizer: “Vamos ter que interromper o velório e levar este corpo embora, pois não é do falecido”. Deu um tumulto geral. Alguns familiares, descrentes do argumento do agente funerário chegaram a dizer: “Não, daqui ninguém tira o corpo do nosso pai”.

Auge da discussão e lá pelas tantas um filho do morto de Passo Fundo sugeriu que fosse dada uma olhada na mão direita do morto, pois se fosse o próprio, teria que ter falta de uma parte do dedinho. Olharam o morto daqui. A mão estava inteirinha e então não era o mesmo. Acertada a troca de defuntos, seguiu a Passo Fundo o agente funerário, levando o morto errado. Chegado a Frederico também causou um grande alvoroço, com as pessoas, familiares e amigos vendo um defunto chegar e outro sair.

Em consequência da situação sócio-econômica dos mortos, pois o de Passo Fundo era rico e o de Frederico era pobre, e por isso que o velório daqui tinha um grande churrasco e o de lá só corria pinga, houve ainda no troca-troca de defuntos, um outro contratempo: tiveram que despir os falecidos para trocarem de roupa, pois o rico tinha um terno mais sofisticado e o pobre um mais simplesinho.

Defuntos destrocados, velórios reiniciados, quando horas depois os mortos foram sepultados. Certamente serão estes dois velhinhos, bons amigos para sempre, só que se conheceram depois de mortos, mas ficaram para sempre unidos pela pitoresca troca. E por causa deste acontecimento, cai por terra um certo dito popular que acrescenta: “Se eu for ao teu, tu não vais no meu. Agora se tu fores ao meu eu não vou ir ao teu” que se refere à conversa de dois amigos sobre os respectivos velórios. No caso, ambos participaram ativamente de ambos os velórios”.

Esse texto exemplifica o sensacionalismo porque mostra um fato corriqueiro (morte, velório, enterro) rompido por um acidente, a troca dos defuntos. O fato, anormal e curioso, é narrado de forma quase teatral e com uma linguagem bastante simples, buscando a compreensão e a empatia afetiva do leitor. Como se trata de um fato presente em todas as famílias (a morte e os preparativos para o enterro), o fato narrado pode causar no leitor uma projeção de identificação uma vez que ele poderia se colocar no lugar de ambos os lados dos familiares dos defuntos. Esse texto, também, não é notícia, pois há um certo exagero nos detalhes narrados: situação social, troca das roupas, ações coletivas durante os velórios, churrasco e pinga.

O texto não explora as causas do “acidente” com relação à troca dos defuntos. O mais importante para o cronista é explorar o pitoresco, o sensacional, o espetáculo, o extraordinário, o vulgar de um assunto que envolve emocionalmente o leitor. Tudo isso faz com que o cronista superdimensiona o fato que pode suscitar no leitor tristeza, por sofrer uma emoção vivida por procuração, ou simplesmente riso por se tratar de um fato totalmente pitoresco, beirando ao folclórico ou ao ridículo. Outro viés pode sugerir que o texto atue como agente influenciador na conduta do leitor que, quando viver um fato que envolva a morte de um familiar, identifique bem o cadáver antes de levá-lo aos outros familiares ou aos que o querem velar.

Como um *fait divers*, o texto trata a morte em uma particularidade transgressora, a desordem na sequência normal dos fatos, ou seja, a ruptura no meio dos velórios para a destroca dos defuntos, envolvendo o leitor no campo do imaginário com relação à morte, a encomendação e o que vem depois dela como escreve o cronista em seu texto: “Certamente serão estes velhinhos bons amigos para sempre, só que se conheceram depois de

mortos [...]”. Isso também acontece quando cita um dito popular com relação ao velório: “Se eu for ao teu, tu não vais no meu. Agora se tu fores ao meu eu não vou ir ao teu.”. E, no final, transgredir a normalidade dos fatos ao afirmar que nesse caso ambos os defuntos participaram ativamente de seus velórios, o que exemplifica a prioridade da ficção em um texto que poderia ser uma notícia.

O discurso usado, segundo classificação de Roland Barthes citado por Roberto Ramos (2001), é o Encrático uma vez que a linguagem é denotativa, unívoca, simples, próxima à linguagem usada pela cultura de massa, valorizando a oralidade, a linguagem de conversação: “o de lá só corria pinga”, “e o pobre um mais simplesinho”. Mas, ao contrário de textos representativos de *fait divers* analisados por Danilo Angrimani no jornal Notícias Populares, a linguagem usada por Júlio Rosa não é vulgar nem valoriza palavrões ou palavras de calão.

Seguindo a classificação dos *fait divers* desenvolvida por Roberto Ramos (2001), o texto “Defuntos trocados” pode ser como um “Fait Divers de Causalidade” porque não há nele um grande espanto, há uma explicação para o fato que é resolvido no próprio texto e é explicada a troca dos defuntos. A causa é simples, a troca dos defuntos, mas o efeito dessa causa é “espetacular” tendo em vista as ações desenvolvidas a partir da causa que se transforma em atos pitorescos: a procura de uma falha no dedinho de um dos defuntos; o churrasco em um velório, a pinga em outro; a destroca das roupas porque um era rico, outro pobre. Dentro da subdivisão do “Fait Divers de Causalidade”, o texto é um exemplo do tipo “Fait Divers de Causa Esperada” porque a causa é normal, a troca dos defuntos. Toda a ação na sequência do fato cairá nos personagens que estão envolvidos na encomendação dos defuntos: filhos, netos, noras.

De acordo com as classificações desenvolvidas por Angrimani (1995), o texto possui manchete/mensagem transgressora uma vez que o fato festeja o comportamento desviante, embora sem culpa a não ser, no caso, dos agentes funerários que trocaram os defuntos, fazendo com que as pessoas vivenciem os atos ordenados a partir da causa, fazendo parte deles: “Não, esse defunto não é o nosso pai”, “Vamos ter que interromper o velório e levar este corpo embora, pois não é do falecido”, “Não, daqui ninguém tira o corpo do nosso pai”.

Há no texto um tema coloquial por fazer parte de um assunto cotidiano num viés popular, do senso comum, tratando a morte em seus costumes “místicos” que fazem parte da cultura popular. A morte não foi tratada na área científica nem tampouco a partir de uma determinada teoria religiosa, até por que esse não era o objetivo do texto que tinha em sua produção um determinado público-alvo para ser lido em uma coluna exatamente para este público, a “Conversas de Domingo”. O texto não tem em sua estrutura a característica de uma

notícia. Não há detalhes e/ou identificações tipo: Quem eram os defuntos? Qual a causa das mortes? Quem foram os agentes funerários que trocaram os defuntos? Quais os endereços em que os velórios foram realizados? Como são os nomes daqueles familiares que levaram os corpos e, depois, os destrocaram? O que dizem as autoridades sobre o fato e que conseqüências podem acontecer com relação aos agentes da falha cometida? Em sendo assim, o texto, que poderia ser uma notícia, é construído a partir da estrutura do conto popular, embora fique na esfera da verossimilhança para alguns leitores que buscam no jornal e/ou no jornalista, nesse caso o cronista Júlio Rosa, informações sobre os acontecimentos daquela região de abrangência do jornal e da época em que estão vivendo.

A linguagem simples, a narração teatralizada (com descrições de cenas e com diálogos) suscitam no leitor uma participação subjetiva, transportando-o para a história, vivendo o fato por procuração em seu inconsciente uma vez que se trata de um assunto envolvente e curioso.

A morte no texto não é tratada somente em seus aspectos comuns (sofrimento, saudade, choque, dor, angústia) e sim como um motivo para o cronista fazer um texto que aproveita um costume posterior a ela, o velório, a fim de entrar mais no campo do pitoresco, do cômico, da caricatura das ações humanas, descontraindo o leitor.

Portanto, esse texto pode enquadrar-se no estilo *fait divers* dentro de um jornal com compromissos informativos, enquadrando-se nos requisitos populares para um público que gosta, identifica-se e lê textos sensacionalistas sem o perigo de se prejudicar em suas existências, aproveitando mais a possibilidade do entretenimento que é, afinal, uma das muitas facetas dos meios de comunicação de massa.

3.1.3 Outros temas, outras “historinhas”, outros *fait divers*

Os temas preferenciais no *fait divers* fazem parte do senso comum e são normalmente repetidos. O universo das “historinhas” na coluna “Conversas de Domingo”, do cronista Júlio Rosa publicadas em O Nacional contém aproximadamente quatrocentos textos. Seguindo a amostra para esta reflexão (textos publicados em 2001) e os temas apresentados a partir da investigação feita por Danilo Angrimani (1995), seguem alguns exemplos de outras “historinhas”.

No texto “O caixão” (sábado e domingo, 12 e 13 de maio de 2001, p. 30), o cronista conta a história da morte de uma mãe. Os filhos não tinham dinheiro para comprar o caixão. Um deles subiu ao forro da casa e tirou de lá um caixão dizendo que a falecida o comprara

para esse dia. O texto seguiria a lógica dos acontecimentos se não fosse a felicidade de um filho diante dos outros, embora face à morte de sua mãe, com a economia feita no enterro da matriarca.

Em “Um pobre morreu” (sábado e domingo, 12 e 13 de maio de 2001, p. 30), o autor narra o velório de uma mendiga conhecida na cidade, a Maria Queixuda, que morreu de cirrose. Seus companheiros de trago foram até a rádio Uirapuru pedir ajuda para a encomendação. Um diretor da rádio doou uma costela de vaca, outro um garrafão de cachaça e o cronista foi levar os donativos. De manhã, o agente funerário, o que doou a cachaça, foi com o carro para realizar o enterro. Os três, o diretor, o agente e o cronista, ao chegar ao barraco não ouviram barulho algum, abriram a porta e perceberam que todos estavam bem alimentados, bêbados e dormindo e sem forças para carregar o caixão. Feito o enterro, avisaram os companheiros depois que eles acordaram que a amiga já estava em sua casa eterna. Esse texto cita nomes: Maria Queixuda, Dr. Luís, João Paixão, o próprio cronista, dando um caráter verossímil ao fato. Mais isso é o que menos importa ao *fait divers* e sim o jeito de contar, valorizando não o dito e sim o “como foi dito”, buscando na encenação quase teatral a atração afetiva com o leitor.

Em “A garota do cais” (sábado e domingo, 21 e 22 de julho de 2001, p.26), o cronista narra a história de uma moça passo-fundense que foi estuprada e morta no cais do porto na Av. Mauá em Porto Alegre. Coube ao cronista, como correspondente de Zero Hora em Passo Fundo, descobrir a casa de parentes da moça. Descobertos os tios, houve a remoção do corpo e o enterro do mesmo no cemitério da cidade. Anos mais tarde, uma moça apareceu no plantão da rádio onde Júlio trabalhava dizendo que voltara de Santa Catarina e que almejava descobrir seus parentes na cidade. Era a moça que fora morta em Porto Alegre e os parentes que procurava eram aqueles tios que a enterraram. Ou melhor: era a moça que deveria estar enterrada só que o cadáver não era ela, tinha havido um engano que logo foi desfeito. Ficou uma pergunta: se a moça não era ela, quem era o corpo que fora enterrado em seu lugar no cemitério? O cronista afirma que foi uma “burrada sua” identificar a morta como a garota do cais e que o corpo trazido da capital está ainda enterrado no cemitério de Passo Fundo. O nome da verdadeira sobrinha é dado no texto, Rejane Kátia de Oliveira. Os nomes dos tios são omitidos. O fato pode ter sido real. O tema é que é coloquial, que fica na esfera popular, nas histórias consideradas “anormais” e que transcendem a esfera da notícia, configurando-se num *fait divers*, privilegiando o extraordinário.

Muitas histórias buscam o espetacular mais em seus temas do que na linguagem. Em “O fim do mundo” (sábado e domingo, 26 e 27 de agosto de 2001, p. 29), por exemplo, o

cronista conta a história de um rapaz que trabalhava para a prefeitura na montagem do Circo da Cultura, onde é realizada a Jornada Nacional de Literatura, e que, sem avisar, faltou o serviço. Indagado pelo secretário, disse que ouvira falar que o mundo terminaria naquele dia, por isso ficou em casa e tomou um trago grandioso a fim de dormir enquanto “a coisa feia” acontecia.

Histórias pitorescas enchem a página de “Conversas de Domingo”. No texto “O homem que engravidou” (sábado e domingo, 15 e 16 de dezembro de 2001, p.28), conta a história (e o cronista diz que tem a prova em mãos) de um trabalhador da construção civil que, porque faltou o serviço nas segunda e terça-feiras, foi ao médico conseguir uma atestado dizendo estar com dores nas costas. O médico, involuntariamente, anexou no documento um boletim dizendo que o homem estava grávido de oito semanas.

Há textos de fatos diversos. Um que conta a história de um senhor (O fantasma) que, embora vivo, assusta as pessoas no cemitério porque o seu túmulo está pronto faz quinze anos, com foto e tudo. Outro texto (As botas) diz que o folclorista Ulisses Camargo, criador do CTG Osório Porto e compadre do Teixeirinha, faleceu e foi enterrado sem suas inseparáveis botas. Dias depois, apareceu na cozinha da família e reivindicou as botas que logo em seguida lhe foram “calçadas” no cemitério. A história está na esfera místico-popular, mas um familiar afirma com veemência: “Eu juro que vi...”

Muitas “historinhas” envolvem a vivência do cronista, sua família, conhecidos. Em “O lobisomem”, há a história de sua mãe que, nos anos de 1940, ao sair de casa, disse ter cruzado com um lobisomem. Quando faleceu, aos oitenta e quatro anos, ainda afirmava sobre o acontecido: “Era um lobisomem e juro que o vi...!”.

A popularidade do cronista com os populares foi muito grande. A empatia que o cronista tinha com o seu público era impressionante. Prova disso está no (e a partir do) texto “O Kichute”, onde o cronista versa sobre o *kichute* (calçado preto, de pano, solado de borracha e com agarradeiras de futebol, fabricado pela Alpargatas). Ao analisar as ocorrências policiais, o cronista percebeu que a maioria dos assaltantes usavam *kichute*. Então falou na rádio e escreveu no jornal sobre o tema, aconselhando as pessoas que se fossem abordadas na rua por alguém de *kichute* que comesçassem a correr porque se tratava de um assalto. Isso foi muito comentado e a venda o calçado diminuiu bastante e os que o usavam eram objetos de chacota. Os leitores e os ouvintes se identificaram, ao oposto, com os usuários do tênis da Alpargatas porque o *kichute* seria “calçado de ladrão”.

As “historinhas” presentes no jornal O Nacional na coluna “Conversas de Domingo”, do cronista Júlio Rosa, exemplificam, portanto, o *fait divers* porque versam sobre fatos que

ocorrem no cotidiano em suas particularidades popular e ficcional, procurando as curiosidades, as fantasias, o pitoresco e que produzem o efeito do sensacionalismo no leitor, envolvendo-os no universo do imaginário, mesmo quando parte de um fato vivido ou contado por alguém que o vivenciou, mas com comprovação improvável, seguindo a estrutura de textos com feição popular que extrai do público-leitor uma participação subjetiva.

Conclusão

A estreita relação entre mídia e contexto escolar merece atenção e possui inúmeras interpretações. Da mídia escrita a mídia digital, independentemente de nível e espaço de ensino elas se fazem presentes. Por muito tempo os jornais e revistas foram as mais visitadas nas escolas. Ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito na sociedade e na História de seu tempo.

Tudo isso não desmerece o texto. Pelo contrário, está de acordo com o público que o lê, que se identifica com suas manchete/mensagens e que dos textos extrai suas emoções e/ou projeção-identificação.

Quanto ao estudo de caso aqui realizado sabe-se que... o sensacionalismo...

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995 (Coleção Novas Buscas em Comunicação; vol.47).

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BUCCI, E. O raciocínio e o entretenimento. In Editora Abril, **Nova Escola**. Março de 2002.

DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. Comunicação e “fait divers” . **Revista Tempo Brasileiro**, vol. 19 e 20, 1986, p. 105-119.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, vol. II.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista Famecos**, Porto alegre, nº 14, abril de 2001, p. 119-127.

Jornal O Nacional. Passo Fundo, sábado e domingo, 10 e 11 de novembro de 2001.

SILVA, Ronaldo Severo da. **Rádio Planalto AM, “O canal da Notícia”**. Monografia de conclusão do Curso de Rádio, TV e Vídeo da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, novembro de 1999.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na Educação. In: VALENTE JA. (Org.). **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. 2ª ed. Campinas: Gráfica Central UNICAMP, 1998, v. , p. 1-27.